

A Relação da Juventude com o Novo¹

Deodato Rafael Libanio de Paula²

Benedito Diélcio Moreira³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a relação dos jovens com o novo. No primeiro momento será abordado algumas possibilidades de se pensar que é o novo e as suas etapas de inserção na sociedade. Estamos na era das mídias, e a todo o momento surgem novos artefatos que alteram nossas formas de se comunicar e informar. Esses novos meios fazem com que várias novidades entrem em contato conosco todos os dias. Os jovens de hoje têm a sua disposição tecnologias que há pouco tempo atrás nem sonhavam em ter. Este grande desenvolvimento tecnológico proporciona uma grande malha de informações e diversas possibilidades de escolha. Como estes jovens se relacionam com este choque constante e com esta grande disponibilidade de informações? Podemos dizer que surge uma nova forma ver o mundo? Este jovem é mais solitário?

Palavras-chave: Novo; Juventude; Mídia; Walter Benjamin; Arte.

Afinal, o Que é o Novo?

Existem três maneiras de demarcar o novo, segundo Pena, (2011): a primeira é o ato de criação, que é o novo absoluto; depois temos o ato de tradução, onde o novo já foi retocado, ou seja, teve contato com algumas pessoas, logo é uma novidade; e temos o novo estrutural, que é uma ressignificação de um objeto já existente.

O novo absoluto, o original no conceito de Benjamin (1985), é um momento de objetivação de uma subjetivação de um criador, ou seja, é a transformação de um dado imaterial e um objeto material ou em processos e ideias. O novo absoluto é o exato momento da transposição de um dado imagético para uma forma, seja ela material ou imaterial, deste

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UFMT-Cuiabá, email: deodatorafaelj@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Benedito Diélcio Moreira, do Curso de Comunicação Social da UFMT-Cuiabá, email: dielciomoreira@yahoo.com.br

modo, o novo absoluto é um instante, o ato da criação. Esta transposição do imaterial conforme Adorno e Horkheimer (1985) seria em forma de mimese, mas não em uma mimese perfeita, ou seja, idêntica aos dados imagéticos, pois isso é impossível, mas como uma refração, uma adequação não idêntica. Esta novidade passa por três etapas até a sua inserção de fato na sociedade.

A primeira é o ato de criação é a transposição de uma imagem para a criação de algo, é o instante da criação, momento único, no qual o objeto e ainda é de certa forma abstrato. Na moda, o estilista cria a tendência que seria o novo absoluto. Quando esse novo passa a ser conhecido por algumas pessoas e desconhecido por outras, este já não é mais novo e sim uma novidade. Esta seria a segunda etapa de criação, quando o objeto recém criado sofre algumas modificações, ganha um nome, ou seja, o abstrato é lapidado, tornando-se um objeto que tenha possibilidade de ingressar no meio social e econômico.

Quando este objeto inusitado se insere no meio social e econômico, configura-se a terceira etapa, pois o novo objeto faz com que aconteça uma ressignificação da sociedade sobre quais objetos já existem e quais são as suas funções e qual será o papel desta novidade. Este objeto também altera o círculo socioeconômico vigente, porque este novo objeto pode ser comercializado, pode se tornar um sucesso ou um fracasso (PENA, 2011).

Costa Júnior, (2011) utiliza Belting, (2004), para discutir que todo objeto novo tem um espectro, que se comunica com o sujeito, sendo assim, o espectro do novo propõe uma dialética entre o objeto inovador e um sujeito independente.

No enigma da imagem, presença e ausência são inextricavelmente misturadas. A imagem está presente por meio de seu médium (caso contrário não poderíamos vê-la), mas ela reenvia imediatamente a uma ausência, já que ela é imagem. Seu *hic et nunc*, a imagem empresta ao médium pelo entremeio do qual ela se oferece a nós (BELTING, 2004 apud COSTA JÚNIOR, 2011, p. 90).

E quando essa “troca” é efetivada quando o novo se incorpora ao sujeito, fazendo com que este deturpe sua ordem e repense o social e o econômico perante este objeto, portanto o afetado pelo novo reprograma sua visão de mundo, alterando sua maneira de ser e agir. Benjamin, (1985) retrata esse choque em seus escritos sobre recepção tátil e ótica na arquitetura, como uma quebra do cotidiano de um indivíduo ao se deparar com uma construção nova, impactante.

Na era midiática o número de informações e novidades entra em contato conosco a todo o momento, de modo que temos que nos reprogramar constantemente, tornando toda tecnologia nova, obsoleta, como diz Demo (1997, p. 24) “... o conhecimento moderno está menos ligado em conteúdos, do que em procedimentos metodológicos de superação dos conteúdos. O exemplo da informática já é paradigmático: cada novo computador é feito para ser jogado fora. Literalmente, morre de véspera”. E quando há preconceito com as novidades, o sujeito se “atrasa”, pois não se atualiza as novidades.

Ao dar-se a adição – a contagem de “mais um” – Novo à linguagem, induz-se a atualização do mundo através da operação de “re-cálculo” do conjunto de sentidos até então estabelecido (como no caso das “lógicas não-monotônicas”); cada Novo obriga a questionar a validade do que já era (PENA, 2011. p. 8).

O desenvolvimento técnico do indivíduo, somado à capacidade tecnológica construída pelo homem até então, é usado para transmutar um objeto do mundo imaterial para o mundo material. Sendo assim, toda criação é uma tentativa de imitação do objeto imaterial, de transformá-lo em algo útil e novo. Porém, para criar algo útil não basta apenas à transposição, há de ter inovação. Para inovar é preciso, destruir, desconstruir, desorganizar e deturpar a ordem: “No reinado da ordem pura não há criação, não há possibilidade de nada novo” (Morin, 1998, pp. 12-19).

“O pensamento nos dá o conceito de uma forma inteiramente nova da realidade. É constituída de sensação de memória” (NIETZSCHE, 2013. p. 70). Portanto, é a partir do pensamento que conseguimos produzir as inovações. Através das sensações criamos subjetivações e através da técnica guardada na memória é que conseguimos objetivar essa subjetivação. Deste modo, temos que se voltar ao passado para objetivar a sua ação no presente, como colocado por (DEMO, 1997).

O contato com o novo absoluto não é mero receptáculo, mas uma experiência autêntica. Segundo Benjamin (1985), no momento em que uma dada imagem “choca”, quebrando a continuidade do cotidiano, ele nos toca, fazendo uma transformação no nosso dia a dia, se tornando uma experiência. Toda novidade tem em comum a antiguidade, pois toda antiguidade já foi um dia novidade, pois “Inovar significa, primeiro, derrubar. Segundo, o que aparece como novo, serve apenas para ser destruído logo a seguir” (DEMO, 1997, p. 288).

O novo estrutural é uma ressignificação do já existente, como os poetas fazem no cerne dos seus versos. Na poesia, em sua novidade absoluta, se encontra de maneira marginal diversas

ressignificações de objetos obsoletos. O novo estrutural é a quebra da monotonia do cotidiano, uma ressignificação de um dado objeto. “Os poetas encontram na rua o lixo da sociedade e a partir dela fazem sua crítica heroica” (BENJAMIN, 2000, p. 14).

O dadaísmo, conforme retratado por Benjamin (1985), é uma maneira de se fazer o novo estrutural. Este tipo de novo causa tanto impacto quanto o original.

Pense-se no dadaísmo. A força revolucionária do dadaísmo estava em sua capacidade de submeter a arte à prova da autenticidade. Os autores compunham naturezas-mortas com o auxílio de bilhetes, carretéis, pontas de cigarro, aos quais se associavam elementos pictóricos. O conjunto era posto numa moldura. O objeto era então mostrado ao público: vejam, a moldura faz explodir o tempo; o menor fragmento autêntico da vida diária diz mais que a pintura (BENJAMIN, 1985, p. 128).

Um exemplo de obra de arte que ressignifica o novo é a Fonte de Marcel Duchamp (1917), que utiliza um objeto do cotidiano (mictório) e dá a ele um novo significado como arte.



(A Fonte de MARCEL DUCHAMP, 1917. Retirada de uma publicação feita por Larissa Couto).

Esta obra é um mictório masculino, produzido industrialmente, porém foi assentado num pedestal e exposto numa galeria de arte, ao invés de ser fixado na parede de um banheiro, local onde normalmente são encontrados. Ou seja, isso é efetivamente um vaso sanitário, algo “já feito” (ready made). Decerto essa atitude de Duchamp coloca em crise a relação entre arte e realidade até então cultivada pela tradição artística. Pois, ao invés de “representar” a realidade ele simplesmente “apresenta” algo da realidade num contexto artístico – a galeria de arte.

Normalmente, consumimos esses produtos industriais sem nos preocuparmos sobre quem os criou, e, de todo modo, não foi Duchamp quem desenhou esse vaso sanitário, ele simplesmente se apropriou dele. Portanto, essa é uma obra impessoal (LOSADA, 2010, p. 3).

O novo é ao mesmo tempo limitado e ilimitado. É limitado pela sua forma espacial de ocupação da matéria; é ilimitado em relação aos desdobramentos que este objeto pode ter na sociedade: “O dadaísmo colocou de novo em circulação a fórmula básica da percepção onírica, que descreve ao mesmo tempo o lado tátil da percepção artística: tudo o que é percebido e tem caráter sensível é algo que nos atinge.” (BENJAMIN, 1985, p. 191 e 192).

O novo é “tátil e ótico”: tátil, porque quando contemplamos um objeto novo nos espantamos com a sua presença, o impacto que ele nos causa é tamanho que ele nos faz até gritar: “hã”!. Portanto esse grito é uma transposição de um toque espectral do novo, interferindo no nosso cotidiano (hábito). E esse choque é ótico porque a primeira maneira com que o novo se apresenta para nós é através da visão, e quanto o choque ocorre, ainda temos um senso de contemplação do objeto, pois retemos toda nossa atenção a ele. Para contextualizar, há a relação “tátil e ótica” com a percepção da arquitetura em meio ao cotidiano, segundo Benjamin (1985, p. 193):

Os edifícios comportam uma dupla forma de recepção: pelo uso e pela percepção. Em outras palavras: por meios táteis e óticos. Não podemos compreender a especificidade dessa recepção se a imaginarmos segundo o modelo do recolhimento, atitude habitual do viajante diante de edifícios célebres. Pois não existe nada na recepção tátil que corresponda ao que a contemplação representa na recepção ótica. A recepção tátil se efetua menos pela atenção que pelo hábito. No que diz respeito a arquitetura, o hábito determina em grande medida a própria recepção ótica. Também ela, de início, se realiza mais sob a forma de uma observação casual que de uma atenção concentrada. Essa recepção, concebida segundo o modelo da arquitetura, tem em certas circunstâncias um valor canônico. Pois as tarefas impostas ao aparelho perceptivo do homem, em momentos históricos decisivos, são insolúveis na perspectiva puramente ótica: pela contemplação. Elas se tornam realizáveis gradualmente, pela percepção tátil, através do hábito.

Quando ressignificamos o nosso mundo depois de entrar em contato com o novo, acabamos conceituando esse objeto através da sua função e do seu desempenho. A criação desse conceito é feita de maneira individualizada, pois ela é feita através da percepção do indivíduo, e pelas definições do mesmo objeto feitas previamente. “Todo conceito nasce da identificação do não-idêntico” (NIETZSCHE, 2013, p.130).

O Campo do Contato

Vivemos a era das mídias. Elas sobrevivem e se reinventam, tendo que criar e transformar seus artefatos, para substituir seus objetos obsoletos. Como apontado por Demo (1997). As diversas inovações do campo da comunicação contribuem para que os jovens tenham um

contato constante com as tecnologias, esteja cada vez mais conectado às mídias, absorvendo e recebendo novas informações a todo o momento. “Os diferentes aparelhos, mídias e tecnologias deixam de servir a propósitos isolados e específicos, para ganharem múltiplas dimensões interativas.” (PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012, p. 299). Esses jovens estão acumulando cada vez mais referenciais imagéticos, alterando sua percepção, sua maneira de ser, agir e pensar. “A escrita mudou as condições de memória, que, de apenas oral, passou a fixar-se em expressões codificadas, atingindo uma ativação hipertextual na era da informática” (DEMO, 1997, p. 253).

As emissoras de televisão e rádio, revistas, sites e redes sociais, por exemplo, cativam os jovens com suas propostas de programas despojados e bem humorados. As redes sociais, principalmente, prendem cada vez mais, pois possuem todas as características e as qualidades de todas as mídias: imagens (vídeo e fotografia); sons; texto e a possibilidade de comunicação com amigos ou o grupo no qual pertence, em qualquer lugar que esteja. As redes sociais permitem ainda a interação entre duas pessoas ou grupos com dispositivos de som e imagem. A internet alterou todo nosso senso de distância, pois o longe se tornou perto, e o perto se tornou longe.

Crianças e adolescentes brasileiros constituem uma população jovem forte e decididamente conectada às telas e às tecnologias digitais. Investem, neste processo interativo, longas parcelas de seu tempo, não apenas daquele disponível para o lazer e o entretenimento, mas também o do estudo e da realização das tarefas escolares, do relacionamento social e familiar e o de toda sorte de atividade cotidiana, como o da alimentação e o do descanso (PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012, p. 298).

Esta grande malha de informações pode deixar o jovem confuso? Em que circunstância de navegação ele realmente se sente dentro de um bote no meio de um oceano, capaz de ir a todos os lugares e não chegar a lugar algum? Quando e como ele percebe que está remando e não está achando nenhum lugar para se sustentar?

O Jovem e a Negação do Mundo?

O jovem fica confuso em meio a complexidade do mundo? Quando está no meio do oceano ele acaba buscando outra maneira para simplificar sua existência? Ou seja, será que ao navegar ele cria ilhas imaginárias para se sentir seguro e protegido, ignorando a inconstância do oceano e do seu solo insustentável?

Esta ilha imaginária podem ser os grupos da internet, redes sociais, canais de vídeos, blogs, etc., que fazem com que este jovem se fixe nesse mundo e passe grande parte do seu dia na

“solidão” do mundo off-line, ao mesmo tempo interagindo com diversas pessoas, imerso no mundo on-line. Esta solidão é relativa, pois o jovem está solitário no seu quarto, distante dos pais ou amigos no mundo off-line, porém ele está se relacionando com amigos e diversas pessoas dentro do mundo on-line. Nesta perspectiva, o jovem vive nessa vida imaginária, deixando muitas vezes as relações com seus entes mais próximos, como os pais, por exemplo, para viver em ilhas da internet.

A partir da reconfiguração dessa relação, o indivíduo tende a se perder em meio a tantas possibilidades oferecidas pelo ciberespaço, este que corresponde à tessitura de uma teia infinita que encontra no espaço virtual o campo fértil para novas formas de sociabilidades (NETTO; JESUS, 2011, p. 3 e 4).

No meio desta problematização, podemos pensar em um novo indivíduo, que manuseia com destreza as tecnologias, se relaciona com as pessoas de diversos grupos, aprende diversas formas de comunicação, que proporcionam formas de interação inovadoras. Os jovens atuam neste ciberespaço com mais naturalidade do que as gerações passadas. Estão em contato com um grande número de imagens, de modo mais precoce do que seus predecessores. Eles desenvolveram novas formas de ver o mundo, ou seja, uma visão de mundo jovem: nem boa ou ruim, apenas diferente.

Os games, por exemplo, trazem a possibilidade de o jovem habitar uma ilha imaginária, ou ser o que ele sempre quis ser, como um jogador de futebol, por exemplo, pois há jogos que permitem a criação de avatares (PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012, p. 302). Nessa conjuntura, dispositivos são criados e passam a fazer parte da vida cotidiana dos indivíduos, de maneira a influenciar as práticas, ideias e especialmente as formas de lidar com o mundo.

Nessa era de cibercultura, a internet se faz campo fértil para consumação das experiências mais transcendentais possíveis, por meio das quais a presença do corpo e as sensações táteis se tornam irrelevantes. [...] Com isso entra em jogo a formação de novos mecanismos de sociabilidades capazes de suplantar as expectativas dos indivíduos impelidos pela atmosfera virtual com suas potencialidades quase que mágicas (NETTO; JESUS, 2011, p. 2).

Com isso os jovens criam novas maneiras de se comunicar, viver e atuar nos meios sociais. Porém, podemos dizer que estes jovens negam o real quando imergem no virtual? Cada vez mais os jovens estão ficando na internet. Segundo Passarelli & Junqueira (2012), os jovens estão mais tempo conectados do que nunca. Isso é um reflexo do dinamismo das redes, pois

com leves toques conseguimos trabalhar e resolver “N” situações sem sair dos nossos lugares.

A maneira com que o jovem vê o mundo é completamente diferente do modo dos seus pais. O ser humano decifra o seu mundo através da maneira que a sociedade e as imagens que o cerceiam se apresentam a ele. Nesta perspectiva de mundo do jovem, que vive grande parte da sua vida no mundo virtual, trago uma reflexão de Oliveira (2002 apud NETTO; JESUS, p. 5) “As novas tecnologias de informação e a comunicação mediada por computador desafiam as fronteiras modernas [...] Ao violar essas fronteiras, as novas tecnologias produzem seres híbridos e mundos possíveis, antes restritos às narrativas de ficção científica.”

O novo retorna de maneira eterna fazendo com que nós tenhamos que recalculamos e alterar a nossa visão de mundo. Porém, quando adquirimos uma dada experiência nos projetamos no passado para objetivarmos nossa ação no presente, analisamos os fatores e como eles se apresentam para nós e, a partir daí, pensarmos em um futuro, em um instante desconhecido e que ainda está por vir.

Considerações Finais

Essas diferenciações entre o novo absoluto, novo estrutural e novidade, entram na gama das informações que provocam a vida dos jovens, levando-os a criação de novas visões de mundo. Os jovens vivem momentos de maturação, de passagem para a vida adulta. Assim como todo ser humano, o jovem precisa recorrer às suas experiências para compreender e fundamentar suas ações. Como os jovens vivem cada vez mais no mundo virtual, poderão intercambiar as experiências do mundo off-line para o mundo on-line, e vice versa?

O novo é imanente ao homem: em toda a existência da humanidade existiu algum objeto novo. Porém, na atualidade o fluxo de criação de novidades é muito maior do que todas as épocas. Neste sentido, o eterno retorno do novo nos leva a questionar os nossos valores, tornam o mundo contemporâneo flexível, volátil e caótico (LYOTARD, 2004). Será mesmo que o jovem que vive grande parte da sua juventude no mundo virtual tem dificuldades para viver no mundo “real”, questionar seus valores, achar o seu mundo volátil e caótico?

Os jovens consegue desenvolver uma série de atividades ao mesmo tempo, como por exemplo ver televisão, jogar vídeo game e ler (PASSARELLI & JUNQUEIRA, 2012). Estamos nos deparando com mudanças bruscas na sociedade, na comunicação, nas estruturas das famílias, ou seja, tudo está se alterando. A compreensão da força do novo

virtual e as ressignificações empreendidas pelos jovens são desafios postos a quem quer pensar a contemporaneidade. É uma empreitada, pensamos nós, que ainda dá os seus primeiros passos.

Referências:

ADORNO, Theodor & W, HORKHEIMER, Max. O conceito de esclarecimento. In: _____. (Org.) **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**, Tempo brasileiro, Rio de Janeiro. 2000.

_____. Obras escolhidas: **Magia e Técnica, Arte e Política**, Brasiliense, São Paulo. 1985.

_____. . O caráter destrutivo. In: _____. (Org.) **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Seleção e apresentação Willi Bolle. Tradução Celeste H.M.Ribeiro de Sousa (et al.). São Paulo, Cultrix/Edusp, 1986. P. 187-188.

_____. "**A Tarefa do Tradutor**" (Die Aufgabe des Übersetzers, Gesammelte Schriften, IV.1, pp. 9 -21). Tradução: Maria Filomena Molder. s.l., s.d., s.e..

COSTA JUNIOR, Martinho Alves da. **Imagens Dialéticas**. THESIS, São Paulo, ano V n. 10, pp. 63-72, 2º semestre, 2008.

_____. **Das Imagens Eróticas**. Revista Lumen ET Virtus, ISSN 2177-2789. Vol II, n. 4, PP. 89-99. Maio, 2011.

COUTO, Larissa. **Duchamp que estás na arte, nos Dadá a fonte**. <http://lounge.obviousmag.org/>. 2012. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/transfigurar/2012/09/duchamp-que-estas-na-arte-nos-dada-a-fonte.html>. Acesso em: 31/03. 2014.

DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. Vozes, Petrópolis, RJ, 1997.

LOSADA, Terezinha. **Jakobson e Duchamp e o Ensino de Arte**. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”. 20 a 25/09/2010. Pp. 2546-2539. Cachoeira, Bahia, Brasil.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2004.

MORIN, Edgar. **Liberdade e Complexidade**. THOT, Associação Palas Athena, São Paulo (no. 67, 1998, pp. 12-19). s.d., s.l..

NETTO, Everaldo Nunes Santos e JESUS, Geiza Santos. **Sociabilidade Transcendental no Ciberespaço: A vida online após a morte**. 1º Simsocial Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade. Mídias Sociais, Saberes e Representações Salvador, Bahia - 13 e 14 de outubro de 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **O livro do filósofo**. Escala, São Paulo. 2013.

_____. **O Crepúsculo dos Ídolos**. Hemus, Curitiba, Paraná. 2001.

PENA, Luis Miguel Martins Soares Raposo. **O Salto do Novo: A Mancha em Walter Benjamin como Origem da Novidade**. 2011. Dissertação (Mestre em Filosofia) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa 2011.

Passarelli & Junqueira. O que nós aprendemos até agora.... In: _____. (Org.). **A. H. Gerações Interativas Brasil- Crianças e Adolescentes Diante das Telas São Paulo: Escola do Futuro/USP**, 2012. Pp. 297-313.